

A RESSIGNIFICAÇÃO DA FEMINILIDADE NA TERCEIRA IDADE

Aretusa de Paula Rodrigues¹
José Sterza Justo²

resumo

Este trabalho propõe investigar a ressignificação da feminilidade em mulheres da terceira idade. Participaram da pesquisa sete mulheres da terceira idade, moradoras da cidade de Araçatuba, que frequentaram um grupo de vivências denominado “Encontros para o bem viver”, grupo esse que faz parte da programação do projeto Universidade da Terceira Idade, da Unesp – Campus de Araçatuba. A coleta de dados foi feita através da utilização de entrevista semidirigida, realizada nas próprias residências das participantes e o material coletado foi sistematizado, transcrito e interpretado para análise qualitativa de seu conteúdo. As análises dos dados foram realizadas através da metodologia de análise do conteúdo proposta por Bardin, que tiveram como eixo a questão do feminino

1 Psicóloga, Mestre em Psicologia pela Faculdade de Ciências e Letras. UNESP – Campus de Assis. E-mail: aretusapr@hotmail.com

2 Psicólogo, Livre-Docente em Psicologia do Desenvolvimento. Professor do curso de Graduação e de Pós-Graduação em Psicologia. Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Campus de Assis. E-mail: justo@assis.unesp.br

no processo de envelhecimento, ou seja, o entendimento e a compreensão da mulher frente à sua condição nesta fase da vida. Tais leituras foram embasadas também na teoria do curso de vida e em autores que trabalham com a temática da velhice. Os resultados obtidos sugerem que a feminilidade é vivenciada de formas variadas. Algumas participantes relatam mudanças importantes, muitas vezes acompanhada de eventos como a viuvez, doenças inesperadas, separações e aposentadoria. Outras, no entanto, não perceberam quaisquer alterações significativas em suas vidas. No tocante às re-significações da feminilidade, foi possível verificar que as principais mudanças de sentido situam-se no plano da sociabilidade, com o aumento de amizades; no plano da autonomia pessoal, com a sensação de conquista de maior liberdade e no plano das realizações, com a concretização de aspirações, sonhos e desejos até então cerceados.

palavras-chave

Feminilidade. Curso de Vida. Envelhecimento.

1 Introdução

Apesar de o envelhecimento ser um processo inerente à vida, tornar-se idoso se apresenta, ainda, como uma experiência problemática para o ser humano, principalmente quando a imagem atrelada à velhice é de um período de doenças, desgastes, dores, sofrimentos, solidão, abandono e inutilidade.

Mesmo com as recentes mudanças nas representações e nos valores associados ao envelhecimento, persistem imagens nada poéticas ou estimulantes acerca da velhice, carregadas de traços negativos. Algumas definições da velhice, encontradas em dicionários da nossa língua, são bastante exemplares:

[. . .] Velhice, estado ou condição de velho. Rabugice ou disparate próprio de velho. [. . .] Velho, gasto pelo uso, usadíssimo, antiquado, obsoleto. Que tem muito tempo de existência (FERREIRA, 1986, p. 1760).

[. . .] Envelhecer, tornar-se velho, perder a frescura, o viço. Durar muito tempo. Tomar-se desusado ou inútil. [. . .] Envelhecido, decadente, declinante (FERREIRA, 1986, p. 668).

Se o envelhecimento, de maneira geral, traz a sobretaxa dos estereótipos sociais que desqualificam e inferiorizam os idosos, tanto mais difícil e problemático se torna a velhice da mulher. O recorte de gênero atravessa a velhice,

afetando diferencialmente homens e mulheres. Portanto, faz sentido, investigar a maneira como a velhice incide sobre a mulher, especialmente no tocante à vivência e significação da feminilidade.

2 A Feminilidade na Terceira Idade

As transformações sociais e culturais da segunda metade do século XX tiveram como foco, dentre outras questões, a mulher e a feminilidade. No Brasil os estudos de gênero ganharam um impulso considerável a partir da década de 70, acompanhando o conjunto dos movimentos sociais gerados no bojo do recrudescimento do autoritarismo do regime militar e na posterior efervescência das lutas pela redemocratização do país (BRUSCHINI; UNBEHAUM, 2002; SILVA, 2000).

A questão de gênero passa a ser considerada como mais um elemento de diferenciação de populações na ordem social e na produção de subjetividade. A gerontologia logo se apropriou dos estudos de gênero para ampliar o conhecimento sobre o processo de envelhecimento, e a condição de ser mulher recebeu uma atenção especial na abordagem dos problemas relacionados à longevidade.

As mulheres, hoje, pertencentes à terceira idade, cresceram e se educaram em meio às normas e aos padrões rígidos de comportamento que as cercaram e reduziram suas práticas ao meio familiar e doméstico.

A socialização da mulher, na cultura patriarcal e machista, reservava a elas um espaço exíguo, restrito ao ambiente doméstico, e uma trajetória de vida sem muitas possibilidades de prospecção de outras alternativas além do previsível destino de ser mãe e dona de casa. Escapar a esse destino trazia o risco da discriminação e do preconceito que taxavam a rebeldia feminina como falta de pudor, promiscuidade ou, até mesmo, como manifestação de distúrbios mentais. Especialmente nas pequenas cidades e na zona rural, a infância e a meninice daqueles que se encontram na faixa dos 60 anos foram vividas sob a rigidez e severidade de valores e práticas educativas extremamente autoritárias.

As meninas, resignadas, aceitavam seu previsível destino, entregando sua mocidade aos afazeres domésticos e almejando tornarem-se moças prenhas, preparadas para se casar e dedicar-se aos cuidados do marido e dos filhos. A feminilidade se prendia à maternidade e ao desejo de ser amada.

Entretanto, como afirma Jorge (2005, p.49), no processo de envelhecimento, tais referenciais de identificação não se encontram mais tão fortalecidos e presentes, pois os filhos já estão crescidos e constituindo suas

próprias vidas; os afazeres domésticos já não absorvem tanto e o marido, se não faleceu, perdeu boa parte de seu poder. Além disso, a exigência de desempenho sexual, relacionada à reprodução, se desprende da mulher idosa, abrindo espaço para um erotismo mais difuso, espreado nos relacionamentos, isso tudo num universo de hábitos, costumes e valores bastante diferente daquele de outrora.

[. . .] as questões de gênero são bastante difundidas e discutidas na faixa etária na qual, homens e mulheres encontram-se no período reprodutivo, momento no qual se estabelecem as relações matrimoniais e nascem os filhos. [. . .] são mais perceptíveis os diferentes papéis e valores estabelecidos para a identidade feminina e masculina. Já na velhice ocorre um obscurecimento da sexualidade e uma certa negação das questões de gênero, que mascaram tanto as perdas como os ganhos trazidos pelo envelhecimento (FIGUEIREDO *et al.*, 2007, p. 426).

Desobrigadas dos papéis, das ocupações e dos modelos de identificação tradicionais, as longevas podem se conectar a outros modos de subjetivação que lhes tragam ampliações da experiência de vida, sobretudo, no tocante a ressignificação de sua feminilidade.

[. . .] no sentido de romper com os padrões e valores determinados para homens e mulheres na sociedade, as mulheres estão sempre surpreendendo, pois buscam mais informações e participam em diferentes espaços públicos, desenvolvendo relações interpessoais e incorporando conhecimentos que são fundamentais para *seu* aprendizado (FIGUEIREDO *et al.*, 2007, p. 426).

Ecléa Bosi, em 1995, em seu livro “Memória e Sociedade: lembrança de velhos”, também versa sobre a necessidade da mulher longeva engajar-se a processos que promovam reflexão e transformações.

[. . .] durante a velhice deveríamos estar ainda engajados em causas que nos transcendem, que não envelhecem, e que dão significado a nossos gestos cotidianos. Talvez seja esse um remédio contra os danos do tempo (BOSI, 1995, p. 80).

A ressignificação da vida, na velhice, inicia-se com o rompimento dos estereótipos criados em torno do processo de envelhecimento feminino. Não cabe mais a personificação da mulher idosa com um coque no alto da cabeça, fazendo crochê ou tricô, na cadeira de balanço, na varanda de sua casa. Hoje, a mulher sexagenária mostra-se ativa e cheia de planos para o futuro, atrevendo-se a dançar nos bailes da terceira idade, a viajar com grupos de

amigas, a paquerar e até mesmo a arriscar-se em relacionamentos efêmeros e sem compromissos.

A palavra “vovó”, com sua significação convencional, já não é suficiente para definir a mulher idosa e nem a agrada, como antes, pois essa mulher, na atualidade, não se sente mais obrigada e disposta a desempenhar papéis que outrora aceitava resignadamente como cumprimento de um dever familiar. Assim, não perde o baile da terceira idade para cuidar dos netos, enquanto seus filhos se divertem, como antes fazia; sente-se mais liberta das amarras que por tantos anos a imobilizaram. A flexibilidade passa a fazer parte de seu cotidiano, podendo ser mãe e avó zelosa, mas também uma mulher madura ativa e atraente, que seduz e cativa.

As mudanças de papéis sociais e suas repercussões na subjetividade afetam diferentemente homens e mulheres na terceira idade:

[. . .] o homem que envelhece passa a ter o seu dia-a-dia no espaço privado, perdendo assim o poder característico do homem adulto jovem que tem no espaço público sua atuação cotidiana; isto representa, portanto, perda de poder, que tem repercussões significativas na imagem de autonomia, de liberdade e de poder vivida pela maioria dos homens, ao contrário do que ocorre com as mulheres que hoje têm 60 anos ou mais, para as quais, a família foi quase sempre o principal ponto de referência e poucas têm alguma profissão ou atuam como profissionais. [. . .] considera-se *o envelhecimento*, o momento de suas vidas que coincide com o casamento dos filhos, a diminuição das obrigações domésticas e de cuidados com filhos pequenos e/ou adolescentes. [. . .] com o direito universal de benefício vitalício da aposentadoria para as mulheres aos 60 anos, passam a ter um salário mensal que lhes garantem autonomia e independência econômica para adquirir bens e produtos que até então as colocavam na dependência econômica do marido e/ou dos filhos (BARROS *apud* FIGUEIREDO *et al*, p. 427).³

A conquista de maior autonomia e liberdade é bastante enfatizada pelas mulheres da terceira idade, enquanto os homens acentuam a sabedoria como principal ganho da velhice (DEBERT, 2004, p. 185-188). Outro aspecto marcante da mulher longeva é sua busca do espaço público, como se pode observar na sua presença majoritária nos projetos das Universidades Abertas à Terceira Idade (DEBERT, 2004, p. 153).

3 BARROS, Myriam Moraes Lins de Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de (org.). *Velhice ou Terceira Idade?* Rio de Janeiro (RJ): Fundação Getúlio Vargas; 1998. *Apud* FIGUEIREDO, 2007.

Segundo Neri (2001, p. 8), a mulher conquistou esse importante status de chefe da família com o fenômeno da feminilização da velhice e com o peso considerável que a aposentadoria passou a ter no orçamento de muitas famílias. As pesquisas realizadas pelo IBGE apontam para o aumento da participação da mulher na economia.

[. . .] As taxas de atividade econômica da população idosa em 1997 eram de 12,2% das mulheres e de 43,5% dos homens (em 1991 a taxa para as mulheres era 11,4 e em 1981 10,0 %). Em 1997 quarenta e cinco por cento da população economicamente ativa feminina trabalhava por conta própria ou era constituída por empregadoras e 29,7% trabalhavam empregadas, 34% das quais para auto-consumo e 60% como domésticas (CAMARANO *et al.*, *apud* NERI, 2001, p. 8)⁴.

As mudanças de papéis e da posição da mulher na sociedade, expandindo as possibilidades de vivência da feminilidade, se repercute na vivência da velhice, porém, não deixa de produzir, em contrapartida, outras dificuldades e conflitos. Por um lado, as sexagenárias sentem-se felizes ao romperem com tabus que por tantos anos as cercearam, tendo a oportunidade de resgatar coisas que antes não puderam fazer como uma eventual volta ao piano, à escultura, a escrever, a viajar, a aprender uma nova língua, a namorar, a se alfabetizar ou a dançar e assim por diante. Por outro lado, o sentimento de culpa as assombra por se verem contrariando expectativas e demandas de uma sociedade onde seus filhos estão inseridos. A mulher idosa atual, que frequenta festas, viaja, namora, se confronta com seus próprios estereótipos de avó dedicada aos filhos e netos, que faz doces e bolos aos finais de semana quando toda a família está reunida para os tradicionais almoços de domingo.

Moro (2002, p. 27), salienta tais contrastes ao discorrer que:

[. . .] hoje, apesar da liberdade de escolha, ainda se percebe a manutenção daquele ideal de mulher, prendada, boa dona de casa e esposa fiel, resultado de uma educação repressora e machista, gerando muitas vezes conflitos quando ela se vê pressionada a estar de acordo com este ideal.

Muitas idosas vivem intensamente conflitos relacionados às possibilidades de redefinição de sua enraizada identidade feminina de subserviência e do seu cotidiano como mulher oprimida, defrontando-se com

4 CAMARANO, Ana Amélia (Coord.) *et al.* Como vai o idoso brasileiro? *Texto para Discussão n° 681 (IPEA)*. Rio de Janeiro: 1999, p. 1-63. *Apud* NERI, 2001.

sentimentos de inadequação, vergonha e com auto-recriminações por abandonar ou modificar padrões de conduta tão arraigados.

Dados de uma pesquisa com casais que viviam maritalmente, em média 38 anos, realizada por Cardoso (2004), em um núcleo de Geriatria localizado em um hospital de Florianópolis, com o objetivo de analisar os sentimentos advindos do processo de envelhecimento, demonstram que, apesar dos aparentes conflitos que as mulheres idosas tendem a vivenciar, a postura de atividade e entusiasmo são características marcantes de seu processo de envelhecimento. Os homens, no entanto, demonstram maior rigidez, passividade e pessimismo frente aos desafios do envelhecimento.

As possibilidades que se abrem para a velhice, na contemporaneidade, não estão isentas de conflitos, angústias, desafios e novas capturas produzidas pelo avanço do capitalismo e dos refinados mecanismos de controle e de dominação que o acompanham, conforme aponta Deleuze (1992). Contudo, seja como for, apesar das instabilidades e dos agenciamentos que cercam processos como este, consideramos as profundas reformulações da subjetividade e do lugar social da mulher e dos idosos importantes indicadores das vicissitudes do nosso tempo.

Cabe ressaltar que, embora tenhamos utilizado até aqui, indistintamente, os termos velhice, idoso e terceira idade, a rigor eles não se equivalem. A expressão “terceira idade”, sobretudo, tem sido considerada como um recorte semântico da nossa língua para diferenciar uma condição específica do envelhecimento, marcada por imagens de uma vida saudável e ativa (DEBERT, 2004; CORREA, 2007). Diferentemente das imagens clássicas da velhice, que a caracterizavam como um período de decadência, as imagens associadas à terceira idade a retratam como um período de vitalidade, alegria e felicidade.

A presente pesquisa teve como referência esse segmento mais identificado com os signos da terceira idade, meliorativos do processo de envelhecimento, do que com os signos que ainda retratam o envelhecimento avançado como um período de invalidez, perdas e danos.

Tendo em vista esse cenário de ebulições de mudanças que se configura em momentos chave do avanço do processo de envelhecimento, como aqueles caracterizados pela independência dos filhos, viuvez ou desobrigação dos afazeres domésticos, esta pesquisa se propôs investigar a ressignificação da feminilidade em mulheres da terceira idade. Visou apontar as principais mudanças que ocorrem com a identidade feminina na terceira idade e examinar os sentidos dessas mudanças para os próprios sujeitos.

3 Método

Os participantes da pesquisa foram mulheres da terceira idade, residentes em uma cidade média do interior do estado de São Paulo, que frequentam o projeto Universidade Aberta à Terceira Idade, da UNESP – Campus de Araçatuba (SP).

Como critério de seleção, foi estabelecido o seguinte perfil para atender aos objetivos desta pesquisa: a) idade acima de 60 anos; b) uma participante viúva que se casou novamente (P.1); c) uma participante viúva que, posteriormente à viuvez, não estabeleceu nenhum outro vínculo de união estável (P.6); d) uma participante solteira que nunca estabeleceu nenhum vínculo de união estável (P.7); e) uma participante que não frequentou escola (P.2); f) uma participante de nível médio ou superior de instrução (P.3); g) uma participante que viveu a maior parte de sua vida no campo (P.5); h) uma participante que viveu a maior parte de sua vida em cidade grande (P.4).

A coleta de dados foi feita através de entrevistas individuais, semiestruturadas, gravadas na íntegra. O material obtido foi transcrito e analisado de acordo com a proposta de análise do conteúdo, de Bardin (2004).

O mais característico da análise de conteúdo é a análise categorial, que se define pela passagem dos conteúdos subjacentes das mensagens por um crivo de classificação, seguindo a presença de itens que o analista propõe-se a pesquisar e que, segundo a autora, são “[...] espécie de gavetas ou rubricas significativas que permitem a classificação dos elementos de significação constitutivas, da mensagem” (BARDIN, 2004, p. 37).

Dessa forma, os textos das transcrições das entrevistas foram fracionados, através de categorias, aliadas a uma escuta atenta. A finalidade é realçar no conteúdo temas indicadores dos sentidos que incitaram as verbalizações ou textos.

4 Mudanças e Ressignificação da Feminilidade na Terceira Idade

A leitura inicial das entrevistas permitiu visualizar três principais categorias relacionadas às mudanças que as participantes percebiam em suas vidas e que atribuíam à experiência da terceira idade. Uma primeira, dizia respeito ao trabalho, aos afazeres domésticos e, posteriormente, ao advento da aposentadoria. Uma segunda, dizia respeito ao casamento, à submissão

ao marido e à viuvez; a terceira relacionava-se à desobrigação dos papéis de mãe e de cuidadora.

5 Trabalho, Ocupações Domésticas e Aposentadoria

O trabalho foi bastante mencionado na história de vida das participantes como algo marcante da infância e da adolescência. Aquelas que residiam na zona rural contam histórias de um cotidiano de trabalho duro na roça, desde pequenas. Poucas escapavam das ocupações domésticas, fosse na infância, auxiliando a mãe na rotina da manutenção da casa ou, posteriormente, quando casadas, assumindo integralmente os afazeres do lar e o cuidado dos filhos.

Uma das participantes relatou assim sua experiência de trabalho na infância:

a criação da gente foi assim, eu trabalhei muito, trabalhei muito na roça, dos 10 anos até casar com 18 anos, trabalhei na roça. Então, a gente só sabia trabalhar e obedecer (P.5).

Na época, a mulher não era poupada sequer do trabalho na roça, especialmente, na época de trabalho mais intenso, como nas colheitas, por exemplo. Era comum, inclusive, os pais priorizarem o trabalho em relação ao estudo.

meus irmão estudô e a cavala aqui trabalhava na roça, aí divia estudá de noite quando chegava do serviço, da roça e eu fiquei sem estudá nada aí ela (madrasta) me ensinô a lê o livrinho do "Padre Donizete do Tambaú" e eu tinha uma cabeça boa com toda a pobreza, com toda a dificuldade, mas eu consegui decorá aquela estória do "Padre Donizete" aí eu comecei soletrá. [. . .] meus irmão ia pra escola (P.2).

Nesse depoimento a participante menciona o tratamento diferenciado que recebia em relação aos irmãos. Embora meninos e meninas trabalhassem igualmente na roça, a menina tendia a ser relegada no conjunto dos investimentos familiares, tanto porque não era representada como arrimo da família, quanto também porque era preparada para assumir as tarefas domésticas, tidas como secundárias e menos qualificadas.

Na idade adulta a diferença de gênero se acentuava ainda mais em relação ao trabalho. À mulher cabia os afazeres domésticos e o cuidado dos filhos. Muitas até deixavam um eventual emprego para dedicar-se exclusivamente às obrigações da zeladoria da casa.

O avanço da idade traz mudanças radicais no campo do trabalho, mesmo para as mulheres que se dedicam ao trabalho doméstico. A aposentadoria é um dos marcos da terceira idade (GROISMAN, 2001, p. 53) que afeta a mulher de forma bem diferente de como afeta o homem. Para ela, significa maior independência econômica e a possibilidade de investir em si mesma, libertando-se daquela posição de cuidadora abnegada dos outros que a colocava na mais absoluta escravidão em relação ao marido e aos filhos.

Para muitas mulheres, paradoxalmente, é na terceira idade que começam a descobrir uma feminilidade liberta dos grilhões da maternidade, do trabalho doméstico e da submissão à figura do marido. Para muitas, a aposentadoria representa um primeiro salário; um provento próprio que têm em mãos, pela primeira vez, e que podem gerenciar com certa autonomia, como se pode observar nos seguintes relatos:

Eu me sinto mais jovem, eu me sinto mais viva, porque hoje eu vô dentro do limite das minhas possibilidade; se eu tivesse mais um pouquinho de situação financeira eu podia me diverti mais, né, que eu tenho, às vezes, vontade de viaja (P.2).

Depois de uma certa idade, como agora, a minha vida e a do meu marido, nós somos aposentados, a gente não é rico, mas a gente tem assim aquela autonomia financeira de não precisá depender de ninguém, não precisar trabalhar né, então quer dizer, é uma vida diferente, é totalmente diferente; quando é novo não, quando é novo a gente tem que lutar muito, pra conquistá as coisas (P.1).

Me aposentei, fui morar sozinha, depois de 2 anos, aí fui me dedicar a vida religiosa, fui fazer trabalho voluntário na igreja, e me sinto muito bem (P. 7).

Motta (*apud* Neri, 2001)⁵ e Debert (*apud* Neri, 2001)⁶ apontam que o nível sócio-econômico é um aspecto de fundamental importância para o bem-estar na velhice, porque dele depende o acesso à cultura, à educação e ao lazer, atividades que beneficiam o indivíduo em seu processo de subjetivação, de autoconhecimento, crescimento pessoal, resumindo: em seu processo de ressignificação.

Nessa perspectiva, Barros (1998 *apud* FIGUEIREDO *et al.*, 2007)⁷ salienta que a aquisição do direito universal de benefício vitalício da aposentadoria

5 MOTTA, Alda Britto da. *Não tá Morto quem Peleia*: a pedagogia inesperada nos grupos de idosos. 1999. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 1999. *Apud* NERI, 2001.

6 DEBERT, Guita Grim. *A Reinvenção da Velhice*. Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento. São Paulo: EDUSP, 1999. *Apud* NERI, 2001.

7 BARROS, Myriam Moraes Lins de Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de (org.). *Velhice ou Terceira Idade?* Rio de Janeiro (RJ): Fundação Getúlio Vargas; 1998. *Apud* FIGUEIREDO, 2007.

para as mulheres aos 60 anos, proporcionou a elas maior autonomia e independência econômica, facilitando também o acesso a viagens e diversões, acesso à saúde e a tratamentos, ou seja, abriu possibilidades de vida antes não vislumbradas.

Para a mulher, particularmente, a aposentadoria na terceira idade pode ser tomada como uma vivência tardia da revolução feminina da qual não puderam participar. No período áureo da luta da mulher por direitos sociais, pela diminuição do preconceito e pela igualdade de condições com o homem, essas mulheres estavam completamente aprisionadas a valores, costumes, tradições e a ambientes tão conservadores que as impediam de qualquer gesto de rebelião.

Segundo Birman (1999), a partir do Feminismo houve um afrouxamento na rigidez dos papéis de gênero; o estereótipo da mulher Amélia de outrora, que destinava toda sua energia aos afazeres domésticos e à servidão à família, foi se diluindo e abrindo espaço para o aparecimento de uma mulher independente que busca autonomia, tanto de ordem financeira quanto emocional.

Nas falas das participantes da nossa pesquisa, aquele “gosto pelo serviço e pela submissão (que) beirava à escravidão e ao masoquismo”, mencionado por Kristeva (2007, p. 313), não se fez presente sequer de relance. No seu lugar evidenciou-se, sim, um enorme prazer pela desobrigação dos afazeres domésticos, do cuidado dos filhos e pela superação da situação de dependência total do marido na esfera econômica, psicológica e social.

Em consonância com o que afirma Debert (2004, p. 137-144), as senhoras que entrevistamos, celebram, com bastante intensidade, a chegada à terceira idade como a conquista de autonomia e liberdade. A aposentadoria é parte de tais conquistas e significa uma grande guinada no sentido de ser mulher na terceira idade.

6 Casamento, Submissão ao Marido e Viuvez.

Os depoimentos que coletamos junto a mulheres de terceira idade são povoados de relatos que descrevem o casamento como uma verdadeira cilada. Mocinhas, se entregaram a paixões românticas e vislumbraram no casamento a realização do grande amor e de uma vida a dois companheira, solidária e com muita compreensão, carinho e afeto. No entanto, após se

casarem, logo perceberam que continuavam a viver sob o mando de um homem e na escravidão doméstica.

Assim relatam suas experiências de casamento e convivência com o marido:

Eu gostava e o meu marido não dançava e não gostava, eu não, isso toda a vida eu gostei.

Eu gostava, e era loca por carnaval, nunca pude ir, porque ele não gostava, de baile ele também não gostava, então pra não criar confusão não vamos, não vamos criar uma confusão né, na vida da gente. Então não ia e as mulheres eram muito obedientes aos maridos, quer dizer eram submissas [...] Ah, eu queria voltar a estudar, mas não podia. Ele voltou a estudar, ele era novo. Mas ele era o mandão (Participante 1, relatando a experiência do primeiro casamento).

O homem, sendo considerado o “chefe da casa” e ser superior (MORO, 2002), impunha sua vontade à família, submetendo a mulher e os filhos ao seu mando. Tal situação foi bastante mencionada pelas entrevistadas, como aparece em dois trechos abaixo:

[...] A gente no casamento, por melhor que seja o marido, ele poda a gente, então a gente deixa de fazer pra não prejudicar, isso acontece [...] às vezes o marido, às vezes também não deixa, às vezes gosta de uma coisa, e ele já não gosta, e a mulher é aquela que só sabe renunciar em benefício do marido e dos filhos (P.1).

Essa geração viveu profundamente a o papel feminino como de renúncia, abnegação, submissão à figura masculina e dedicação total à casa, ao marido e aos filhos. Ser mulher se resumia a ser esposa, mãe e dona de casa.

Por isso, para muitas delas, a viuvez, apesar de dolorida, acabou trazendo uma nova vida.

[...] quando eu era casada eu era mais quieta, mas hoje eu não tenho mais marido pra dar satisfação, então a partir do momento que você não tem o seu companheiro do seu lado, você tá livre. Não vai sair, como doida, mas essa liberdade que eu falo, você sai a hora que você quer, sem ninguém te perguntar (P.4).

Outra participante fala assim das mudanças em sua vida após a viuvez:

[...] Rompi completamente, com tudo, não tenho obrigatoriedade com nada e às vezes dá um tique e eu falo: será que eu tô certa? será que eu não tô fria demais, egocêntrica? Tô mais é assim que eu gosto. O médico me perguntou,

se eu me sinto bem assim. Eu me sinto, então pronto, a melhor coisa do mundo é a liberdade, saúde e dinheiro pra fazer tudo isso (P.3).

Mesmo uma participante que se casou novamente, acentua a diferença em relação ao primeiro casamento:

[. . .] o segundo casamento a gente tem mais experiência, a pessoa tem mais experiência de vida, mais compreensão, não mais aquele ciúmes de quando a gente era jovem, tudo isso vai acabando com a idade (P.1).

São muito frequentes os relatos de experiências de expansão da vida após a viuvez, com o desatrelamento do casamento e do poder exercido pelo marido.

7 Desobrigação dos Papéis de Mãe e de Cuidadora.

Outro ponto que destacam como mulheres de terceira idade refere-se à desobrigação com filhos e maridos, como se pode observar nos seguintes trechos de três participantes: “quando a gente é casado assim novo, a gente tem filho pequeno. Agora, com os filhos crescidos, tem mais tempo.

Uma delas sequer sente algum dever em orientar o filho nas suas desavenças com a mulher: “ninguém paga as minhas contas, por exemplo; não me envolvo, na vida dos meus filhos casados. O problema é de vocês, sempre digo, quanto menos eu souber, melhor pra mim”.

Conforme destaca Neri (2001), a família apresenta-se extremamente importante para as pessoas da terceira idade, constituindo os vínculos mais significativos nesta etapa da vida. Embora as relações sociais se expandam com o engajamento das mulheres em eventos como bailes e grupos, os vínculos familiares ainda mantêm-se como prioridade. Contudo, apesar de as mulheres sexagenárias considerarem muito os familiares, a dedicação exclusiva à família perde espaço e elas passam a investir nelas mesmas.

Os papéis antes atrelados à constituição do feminino, como a maternidade e a função de esposa, se esmaecem; assim, o papel de avó é vivenciado com maior prazer, sem responsabilidades ou cobranças. Ser avó torna-se mais prazeroso, pois ela não tem a responsabilidade de educação. Nesse contexto, algumas mulheres idosas, que têm netos, tendem a não abdicar de seus interesses, vontades e de seus compromissos, em prol do cuidado a deles.

Esta postura fica bem demarcada nos relatos a seguir:

[. . .] então eu tinha que deixar a neta, tinha uns 3 anos de idade, com a Cleide (filha falecida) com dificuldade pra mim i nos baile, porque era de dia era das 3 às 6" (P.2)

[. . .] Eu acho, já fiz o papel de mãe e de pai né, as três estão casadas as 3 tem filhos, as 3 tem um lar "Graças a Deus", direito; bom, minha filha mais velha já tem 32 anos de casada, a outra tem 30, a outra tem 25, então são lar que, casamento que perdura, os meus netos todos quase já estão formados já, então eu acho que eu dei o exemplo porque se não teria acontecido isso né? (P.1)

Desvencilhada do aprisionamento da feminilidade ao papel de mãe e de zeladora da casa, na terceira idade, a mulher pode descobrir outras possibilidades de ser. De acordo com Birman (1999), a figura da mulher foi construída pelo ideal da figura da mãe, em oposição à figura da mulher feminina, sensual e que tinha desejos e vontades. No estereótipo da mãe não cabiam características consideradas mundanas pelos homens, como o desejo. O conceito popular bastante ventilado pelos filhos de várias gerações pela frase, "minha mãe é uma santa", retrata bem como uma mulher-mãe deveria se comportar e agir.

O limiar entre ser uma boa mãe ou não, estava intrinsecamente associado ao quantum de sacrifício pessoal dispensado em prol dos filhos. O ditado popular "ser mãe é padecer no Paraíso", acomoda-se bem à realidade das mulheres dessa época. As mulheres que se recusassem à maternidade e ao casamento eram malvistas.

O crescimento e a independência dos filhos trazem a possibilidade da alforria das mulheres em relação à escravidão da maternidade. Com isso, ainda que tardiamente, podem ressignificar a feminilidade para além do cuidado aos filhos e da zeladoria familiar.

8 Conclusão

Cabe destacar que os resultados e conclusões obtidos com essa pesquisa devem ser considerados dentro dos limites dados pelo número e perfil dos participantes. O número de participantes não permite generalizações e, ainda, o fato de serem filiados a um projeto de UNATI (Universidade Aberta à Terceira Idade) também deve ser levado em consideração porque os diferencia de outros sexagenários. Portanto, não é possível estender as conclusões deste estudo à velhice como um todo ou mesmo à terceira idade e, sequer, a outros grupos que frequentam projetos similares, sobretudo,

grupos que, eventualmente, possuam características sócio-culturais bem distintas.

Toda cautela quanto a generalizações é necessária até porque uma primeira e mais abrangente constatação da nossa pesquisa é a de que a vivência da feminilidade na terceira idade não é homogênea. Em alguns casos ocorrem mudanças significativas na maneira de sentir-se mulher, na terceira idade, juntamente com modificações profundas no cotidiano, nos relacionamentos sociais e afetivos, assim como nos papéis assumidos no círculo familiar, nos valores e na própria identidade. Em outros casos, os sujeitos não reconhecem quaisquer mudanças significativas relacionadas ao seu ingresso no universo da terceira idade.

As mulheres, participantes da pesquisa, que reconheceram ter havido mudanças na feminilidade, durante o processo de envelhecimento, associam essas mudanças a eventos como a viuvez, separações, aposentadoria e independência dos filhos. Dizem ter conquistado, na terceira idade, maior liberdade e tempo livre no cotidiano com a diminuição dos encargos domésticos e familiares.

Com maior autonomia, independência e com o reforço financeiro dos proventos da aposentadoria, podem ampliar significativamente os horizontes da vida, expandindo e diversificando os relacionamentos, vinculações afetivas e realizações de desejos, até simples e banais, mas antes impossíveis.

Bailes, bingos, viagens, excursões, passeios pela cidade, visita a amigos e familiares, participação em projetos destinados especificamente à terceira idade são algumas das buscas mais freqüentes dessas mulheres capazes de ultrapassar, justamente na velhice, as barreiras de gênero que as impediram de ter uma vida além do espaço doméstico e das obrigações de esposa e mãe. Conseguem ressignificar a feminilidade, encontrar outros sentidos de ser mulher no mundo justamente com a desconstrução do ambiente doméstico e familiar, fundado na presença das figuras onipotentes do marido e dos filhos.

Mesmo levando em consideração as limitações desta pesquisa, chama a atenção o fato de boa parte das participantes ter destacado, e com bastante ênfase, que foi possível expandir a feminilidade com o avanço da idade, contrariando o senso comum que entende o envelhecimento como um processo de perda, de constrição da vida e de enrijecimento.

Seria bastante oportuno ampliar e aprofundar as investigações sobre a vivência da feminilidade e da masculinidade, bem como sobre as modificações que ocorrem na relação entre homem e mulher, com o avanço da idade. Por mais paradoxal que possa parecer, o aprofundamento dos estudos

de gênero na terceira idade podem ser tão ou mais fecundo do que centrá-los em outras fases da vida. Isto porque, é exatamente nessa “terceira idade”, ainda em franco processo de configuração psicossocial, que se tornam mais visíveis as tendências do nosso tempo. Nesse sentido, não se trata de estudar o envelhecimento tão somente para compreender as especificidades da vida tardia, mas, muito mais do que isso, também para compreender as subjetividades que estão se despontando na contemporaneidade. É plausível supor que a terceira idade representará para a civilização ocidental, no século XXI, aquilo que a infância representou no século XIX e a adolescência no século XX: um modelo de subjetividade, dentro de uma cultura que começa a rever sua exaltação extrema do novo e desvalorização do velho.

Talvez a principal conclusão desta pesquisa, mesmo posta sob a forma de uma hipótese, seja a de que as possibilidades da feminilidade, na atualidade, estão sendo exploradas com maior vigor e contundência na terceira idade e não nas idades comumente associadas a um suposto ardor juvenil.

THE RE-SIGNIFICANCE OF THE FEMININITY DURING THE AGING PROCESS

abstract

This study aims to investigate the resignificance of femininity for old women. The research was conducted through analyses of seven participant's interviews. The participants' profile matched as old women; who lived in Araçatuba city, and were engaged in a weekly group named "Meetings for Well-being", which was sponsored by the Open University for Elderly - UNESP- Campus of Araçatuba. The data were collected through semidirective interviews, which were performed in the participants' own residences. This material was systematized, transcribed and interpreted for qualitative analyses. The interpretation of the data were accomplished through the methodology proposed by Bardin focusing on feminine's perspective for the aging process, in other words, the women's cognition about their condition facing that phase of life. The analyses were also based on the life course theory and other authors who studied the aging process. The results suggest that femininity is expressed in varied forms. Some individuals refer important changes, frequently linked with events, for example, widowhood, unexpected diseases, separations and retirement. By the other hand, others didn't notice

any significant changes in their lives. Concerning the resignificance of femininity, it was possible to observe the most important shifts were related to the level of sociability with the increased number of friendships, in the level of personal autonomy, with the sensation of conquering expanded freedom, and in the level of accomplishments, with the materialization of goals, dreams and desires, which were formerly precluded.

keywords

Femininity. Life Course. Aging.

referências

- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.
- BIRMAN, Joel. *Cartografias do feminino*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- BRUSCHINI, Cristina. & UNBEHAUM, Sandra Gouretti. *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. São Paulo: Editora 34, 2002.
- CARDOSO, Doris de Moraes. Longevidade e tempo livre: novas propostas de participação social e valorização do idoso. *Terceira idade*, São Paulo, v. 15, n. 30, p. 36-51, maio 2004.
- CORREA, Mariele Rodrigues. *Uma cartografia do envelhecimento na contemporaneidade: a velhice e a terceira idade*. 2007. 142 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2007.
- DELEUZE, Gilles. Pos-scriptum sobre as sociedades de controle. In: DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992, p.219-226.
- DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Editora da USP, 2004.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FIGUEIREDO, Maria do Livramento Fortes *et al.* As diferenças de gênero na velhice. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Rio de Janeiro, v. 60, n. 4, p. 422-427, ago. 2007.
- GROISMAN, Daniel. Velhice e história: perspectivas teóricas. *Cadernos IPUB*, Rio de Janeiro, v. 1, nº 10, p. 43-56, 1999.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Pesquisa nacional por amostra de domicílio – 2000*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 03 fev. 2003.
- JORGE, Márcia de Mendonça. Perdas e ganhos do envelhecimento da mulher. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 11 n. 17, p 47-61, jun. 2005.
- KRISTEVA, Julia. *O gênio feminino: a vida, a loucura, as palavras*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

MORO, Giselda Aparecida. *O retrato da mulher hoje: realidade e desejos*. 2002. 278 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2002.

NERI, Anita Liberalesso. Envelhecimento e qualidade de vida na mulher. In: CONGRESSO PAULISTA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA, 2., 2001, São Paulo. *Anais...* São Paulo: GERP, 2001, p. 01-18.

Recebido: 07-01-2009

1ª Revisão: 23-02-2009

2ª Revisão: 27-09-2009

3ª Revisão: 18-11-2009

Aceite Final: 08-03-2010